

25/03/2019 - 05:00

Expansão forte vai impulsionar a atividade, afirma economista

Por Catherine Vieira

Mais otimista que a maioria dos analistas com a retomada da economia brasileira, o economista e presidente do Banco Ribeirão Preto, Nelson Rocha Augusto, acredita que as mudanças em curso com a agenda BC+ são o início de um grande ciclo de expansão do crédito. Neste cenário, os investimentos teriam espaço para crescer e turbinar o PIB, que ele ainda acredita que pode ir a 2,6 % neste ano, uma vez que o cenário externo já não parece negativo como no fim do ano passado. Esta previsão, porém, já foi maior, mas o PIB de 2018 não deixou espaço estatístico para uma expansão de 3%.

A seguir, os principais trechos da entrevista:

Valor: *O cenário externo ajuda ou atrapalha?*

Nelson Rocha Augusto: Está mais turvado, todo mundo com dificuldade de ler, mas o fato é que mudou muito de novembro pra cá o cenário internacional e parece estar um pouco mais benigno. Acredito que EUA e China entrarão em um "acordo" satisfatório, porque entrou numa rota de "perde-perde". Então, o acordo pode não ser o melhor ou o mais desejável, mas deverá ser positivo. O mundo está muito perigoso e instável, mas parto do pressuposto de que EUA e China vão conseguir alongar o problema deles. Para 2019, a hipótese é que tenha trégua. E o Brasil pode ser o emergente diferenciado que capturaria parcela mais significativa dos investimentos.

Valor: *O senhor está mais otimista que a maioria..*

Rocha: Outra questão que tem sido menos enfatizada é o preço das commodities, que deve ficar um pouco mais alto do que estava sendo sinalizado há dois ou três meses. Para mim, o preço médio do petróleo neste ano fica muito acima dos US\$ 60 na média do ano. E o minério também, pela própria recuperação da dinâmica da China: há quase dez anos duvidam que ela vai entregar crescimento e ela sempre entrega.

Valor: *E o Brasil?*

Rocha: Não há referência histórica do país vivendo um período de liberalismo econômico, não sei se vamos viver, mas estamos dando a largada, com uma escancarada liberal. Temos uma equipe econômica muito mais coesa do que muita gente pensava. E a política econômica claramente está terceirizada para esse time. Isso traz efeitos importantes como já se viu na precificação dos ativos e nas expectativas de consumidores e empresários. Ao mesmo tempo não muda o tripé macroeconômico e a responsabilidade fiscal. A consequência é que os agentes do mercado de crédito sinalizam enorme expansão para este ano. Dizem que os bancos públicos vão enxugar, mas não é isso que a Caixa tá falando.

Valor: *E o BNDES?*

Rocha: Esse sim mudou a função, vai ficar focado na plataforma eletrônica para pequena e média empresas e tende a atuar progressivamente como um grande banco de investimento para as privatizações. Não vai focar no crédito, o que é também importante porque o mercado de capitais cresceu em 2019 de maneira gigante, são quase R\$ 300 bilhões de emissão de dívida.



Rocha, presidente do BRP: "Vamos ter um ciclo de expansão de crédito muito maior do que já aconteceu na história do país"

Valor: *Por que aposta tanto no crédito?*

Rocha: Pela primeira vez a agenda BC + foi a autoridade monetária convocando o mercado, todo o mecanismo de duplicatas eletrônicas, com as clearings pra fazer isso e as fintechs dentro desse jogo. Parece haver uma unanimidade de que vamos vencer o problema da concentração bancária brasileira, o que é relevantíssimo. Há muita coisa para acontecer ainda, vamos ter um ciclo de uma expansão de crédito muito maior do que já aconteceu na história do Brasil.

Valor: *Maior do que nos anos Lula ou mais voltado para empresas?*

Rocha: Exatamente, aquilo foi uma grande revolução, com o advento do consignado, que foi muito mais forte pra pessoa física, deu uma segurança jurídica mais forte pro crédito. Agora, por causa dos novos mecanismos, você tem a situação mais espalhada na economia como um todo, com custos operacionais absurdamente baixos. O público em geral está olhando o advento das fintechs, mas é muito mais do que isso a revolução que está acontecendo no sistema financeiro brasileiro e com tanta velocidade. Naquele momento, o volume de crédito foi mais ou menos da casa dos 30% pra casa dos 50%. Tenho convicção - porque vai entrar também pessoa jurídica, que já está acontecendo via mercado de capitais - de que vamos para a ordem de 70% a 80%, que é o parâmetro internacional dos pares com que podemos comparar o Brasil hoje. Isso não vai acontecer em 2019, mas não vou me assustar se o crédito nominal neste ano crescer algo como 15% a 20%.

Valor: *Isso moveria a atividade?*

Rocha: Vai bater muito forte numa atividade maior e nível de emprego maior do que está desenhado pela maioria dos analistas. E ainda nem é um otimismo pela condução da política econômica.

Valor: *Mas no emprego, por exemplo, só vemos alta consistente de autônomos e informais.*

Rocha: O setor que deve ter resposta mais nítida esse ano é o da construção, foi o único que não andou nada no ano passado, em termos de atividade. Mas o setor resolveu questões importantes como o gargalo do distrato e todos esses lançamentos que aconteceram com uma velocidade forte e que continuam acontecendo vão precisar ser executados. Então o emprego vai fazer diferença mais expressiva pelo braço da construção habitacional, por um lado, e de infraestrutura, por outro. Como todos os entes da federação estão muito dependentes de uma recuperação econômica, há um alinhamento das três esferas de governo com um grupo que sabe fazer e com a sociedade inteira apoiando. Sem as empresas antigas que estão se reestruturando, mas com novas, de menor porte ou estrangeiras. As grandes empreiteiras é que geravam o dinamismo no investimento que era Estado-dependente, agora tende a ter uma dinâmica diferente, passando para a iniciativa privada. Já está andando nos setores elétrico e de óleo e gás e pode começar a andar nos outros.

Valor: *Há espaço para juro cair?*

Rocha: Olhando a posteriori, o BC poderia ter sido um pouquinho mais ousado porque a inflação ficou abaixo da meta em praticamente dois anos com PIB relativamente fraco. Mas não estou criticando, porque criaram todo esse arcabouço para o crédito.

Valor: *Como ficam PIB e IPCA?*

Rocha: Prevemos 2,6% de PIB, com maior contribuição do investimento. Em relação à inflação, vejo bem mais próxima do centro da meta neste ano, em 4,05% - a meta é 4,25% e a maioria dos analistas projeta abaixo de 4%. Não tanto pela questão do hiato do produto, mas porque a maioria dos produtos no país tem um oligopólio muito concentrado, que brigou para manter "share" na crise. Na hora em que tiver recuperação, vão buscar algum tipo de recomposição de margem, sem dúvida. A melhoria do regime pluviométrico ajuda muito no custo de energia elétrica e na safra do milho, particularmente. Mas em compensação a taxa média de câmbio parece um pouco mais pra cima, e a estrutura de preços do combustíveis terá também repasses maiores.

Valor: *E a reforma da Previdência vai ajudar nesse cenário?*

Rocha: A reforma vai ser bastante empurrada pelos governadores e prefeitos. Isso pode não estar claríssimo ainda para alguns dos analistas, sobretudo os políticos, que veem movimentos recentes e aumentam o grau de preocupação. Mesmo com toda dificuldade política que esse governo já demonstrou que tem, a reforma é imperativa para o pagamento da folha

salarial de ao menos oito ou nove Estados, então não tem muito jeito, o Parlamento vai ser pressionado.